



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 10

Vitória-ES

Junho de 2012

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Nesta edição:

Raoni Huapaya

Gina Denise Barreto Soares

Felipe Ramaldes Corrêa

Pedro Canal Filho

Daniela Zanetti

Rita de Cássia Maia e Silva Costa

Jordan Fernandes

Um Clássico
das Montanhas
Festival de música de Domingos Martins

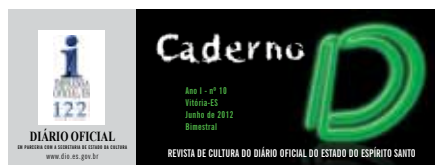
USE E ABUSE

XIX Festival de Inverno

A décima nona versão do Festival de Inverno de Domingos Martins é território livre para músicos, estudantes de música e todos aqueles que curtem o melhor do clássico e do popular.

Além das sempre esperadas oficinas musicais, quem subir a serra na semana de 20 a 29 de julho próxima terá um extenso leque de atrações. O Festival abre seus trabalhos com um magistral concerto da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo, sob a regência de Leonardo David, apresentando o acordeonista Toninho Ferragutti.

Um programa onde a cultura, o prazer, o clima de montanha e as belezas naturais de Domingos Martins estarão de mãos dadas com você. Imperdível. A programação completa e demais informações no site: www.festivaldomingosmartins.com.br



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

ALCIO DE ARAÚJO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Juventude e comunicação: notas de uma política editorial

Foram muitas as reflexões visando à construção de uma política editorial para o Programa Rede Cultura Jovem - PRCJ. Dedos e mais dedos de prosa. Em um só texto nos víamos costurando premissas midiativistas, anseios educadores perpassadas por um pragmatismo sensato. Reflexões em torno da comunicação, educação e cultura para o hipertexto no ciberespaço. Era necessário que nossos produtos de comunicação respeitassem as especificidades da rede. O Portal Yah ganhara robustez com novos projetos e a política editorial do PRCJ necessitava uma redação final. Trouxe aqui algumas notas dessa construção.

Fazia-se necessário pensar uma política prática, neste caso, capaz de executar ou ativar ou potencializar infinitas combinações e interações com as quais o jovem leitor próprio alimentasse. Tínhamos aí o desafio de um leitor em tela, muito mais ativo do que o leitor em papel. E mais: a clareza que, na realidade virtual, o sujeito não está estabelecido nem pela escola nem pela sociedade. Toda variedade de práticas inclusas na comunicação via redes constituem um sujeito múltiplo, instável, mutável, difuso e fragmentado, enfim, uma constituição inacabada, é o que bem nos explica Mark Poster.

Entretanto, nestas notas, coube

também um momento de ressalva. Vale lembrar que o “ciberespaço e suas experiências virtuais vêm sendo produzidas pelo capitalismo contemporâneo e estão necessariamente impregnadas das formas culturais e paradigmas que são próprias do capitalismo global”, nas palavras da professora Lúcia Santaella. Trata-se, portanto, para nós de terreno arenoso, em que a lógica do capital parece também lançar a sua utopia de conquistar o infinito. Nesse contexto, ações de comunicação precisariam estar muito bem alinhadas com a proposta de políticas para juventude.

Precisamos de um leitor/espectador capaz de conduzir e produzir o conhecimento que enseja a partir de seu contato com os audiovisuais/ hipertextos presentes no ciberespaço. A escrita no ciberespaço é feita em rede, nas comunidades virtuais. Trata-se de jovens conectados na base de interesses e afinidades. Essas comunidades precisam ter espaços em que é possível produzir conhecimento. Prospectamos para isso uma prática cultural disposta a repensar as novas relações autorais produzidas pelo ciberespaço, onde autor não é sinônimo de autoridade. Cooperação, inovação e serviços são valores para um novo século e deveriam constar (e constam) da política editorial do Programa Rede Cultura Jovem. ■



Raoni Huapaya é jornalista e professor do Instituto Federal do Espírito Santo

CAPA

Festival de de Domingos Martins – incremento

A realização do XIX Festival de Inverno em Domingos Martins possui significativa importância para a vida cultural do Espírito Santo. Estamos construindo um balizamento de inegável importância para o campo musical de nosso Estado.

Dentre as características desejáveis a eventos culturais, talvez uma das mais importantes, e das mais difíceis de ser conquistada, seja a continuidade. O aprimoramento, o amadurecimento, a definição de perfil, a flexibilização diante das demandas emergentes e principalmente a qualidade são fatores que podem ser conquistados e consolidados ao longo do tempo. À medida que se ganha experiência e se desenvolve a percepção da dinâmica dos acontecimentos, a seriedade, a credibilidade e a profissionalização transformam-se em buscas de caráter permanente e conquistas cada vez mais exigidas. Sendo assim, a continuidade observada

na realização de dezoito edições do Festival de Inverno certamente produz muitos significados e agrega excelentes valores.

Pertencendo à categoria de eventos que privilegiam a cultura pelo viés da música, o Festival de Inverno foi escolhido pelo Governo como um dos cinco eventos prioritários para a divulgação do potencial turístico e cultural do Estado. O projeto atual é uma parceria entre a Secretaria de Turismo (Setur), a Secretaria de Cultura (Secult) e a Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES). Também a Prefeitura de Domingos de Martins e suas secretarias têm cada vez mais desenvolvido estratégias para oferecer melhor suporte ao Festival.

O primeiro Festival de Inverno aconteceu em 1992 e foi realizado pelo então Departamento Estadual de Cultura (DEC), atual Secult, contemplou a música erudita e reuniu um seletivo grupo de profissionais envolvidos com



Gina é doutoranda em música pela Unirio. Professora da Faculdade de Música do Espírito Santo e violoncelista da OFES.



Gina Denise Barreto Soares

ginadbsoares@gmail.com

e Inverno

Incrementando a vida musical capixaba

as oficinas, os masterclasses, os recitais e os concertos. Unindo a natureza fascinante da região à música de altíssima qualidade, Domingos Martins chamou a atenção de todo o país.

Consultando os folders, certificados e outros registros do Festival ao longo dos anos, alguns fatos nos chamam a atenção. É recorrente a participação da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames) ou de seus professores no evento e da Orquestra Filarmonica do Espírito Santo (Ofes), geralmente no concerto de abertura. São instituições estaduais que buscam excelência além de possuírem solidez e permanência nas atividades que desenvolvem. De trajetórias paralelas, devido ao intercâmbio entre ambas, vários dos profissionais da Fames atuam também na Ofes.

Os perfis assumidos pelo Festival foram variados. Além das tradicionais oficinas de música erudita, aconteceram oficinas em

música popular oferecendo práticas instrumentais, harmonia, arranjo e improvisação. Outras voltadas para a educação musical e aquelas que tratam da prática musical em grupo como prática de orquestra, de coral e de bandas. As apresentações musicais ofereceram oportunidades de conhecer a cultura local e o trabalho de inúmeros artistas. Houve a expansão das apresentações para localidades situadas fora da cidade, como hotéis da região ou distritos do município. Aconteceram Festivais em que algumas oficinas foram realizadas em locais situados no interior do município. Por meio desse “cardápio” variado, músicos se encontraram e puderam renovar e atualizar seus conhecimentos, proporcionado por intensas trocas de experiência entre todos aqueles que se interessam por música.

No ano de 2011, o XVIII Festival Internacional de Inverno de Música Erudita e Popular de

Domingos Martins definiu um tema: “Passeando por Franz Liszt e Nelson Cavaquinho”. A Fames, então, passou a ser a realizadora do evento, buscando garantir um perfil didático-pedagógico comprometido com o desenvolvimento dos participantes, e a direção artística ficou a cargo do Maestro Helder Trefzger. O tema do próximo Festival será “Debussy & Luiz Gonzaga: do prelúdio ao baião”, dando continuidade ao perfil assumido no ano anterior já apontado em Festivais de outros anos.

É significativo o quanto o Festival vem incrementando a vida musical no nosso Estado. Nesse sentido, basta observar o interesse crescente de público por eventos e projetos voltados para a música. Estamos vivendo um momento efervescente da vida musical capixaba e, sem dúvida, o Festival de Inverno tem uma parcela de participação importante nesse cenário. ■



Fotos Arquivo Securit

PATRIMÔNIO NATURAL

A relação entre *CU*

O tema presente é um grande desafio, pois para a abordagem é preciso fazer algumas desconstruções, o que acaba por dificultar uma introdução mais afável ao leitor. Digo isto porque sempre que converso sobre a relação do meio ambiente com a cultura percebo que as reações conotam o distanciamento entre os dois, ou ainda de total dicotomia.

Quando o IPHAN criou o decreto de lei nº 25 de 30 de novembro de 1937 que “equipara o patrimônio natural ao patrimônio histórico e artístico, tornando monumentos naturais [...] passíveis de tombamento, uma vez que o objetivo seja conservar e proteger a feição notável que possuam” percebemos que, na época, o sentido de proteção do ambiente natural perpassava singularmente o seu aspecto simbólico para a coletividade.

Apesar de ter sido uma importante ferramenta legal de política pública para a valorização e conservação de tais monumentos e que perdura até hoje, ela parte de um conceito que não considera um entendimento mais amplo sobre a relação entre cultura e meio ambiente. Antes da abordagem direta é preciso desconstruir e reconstruir também o conceito de meio ambiente: muito além do que apenas recursos naturais (a árvore, os rios e as paisagens ecológicas) o meio ambiente é tudo aquilo que está a nossa volta. Se vivemos em um local puramente urbano, o nosso meio ambiente é urbano, se vivemos em um local rural, nosso meio ambiente é rural e assim consecutivamente.

A partir deste viés fica mais claro que o meio ambiente em que vivemos influencia totalmente o ethos - o conjunto ético de costumes e modo de vida de determinada comunidade -, e precede a identidade de um povo. Indo mais além na etimologia da palavra grega, o termo significa também morada do homem, entendida à época como a natureza, hoje alterada pelas intervenções humanas.

Isto era claro para os primeiros etnógrafos como Malinowsk, que em sua obra mais conhecida demonstra como o ambiente natural influenciou o modo de vida dos nativos das Ilhas Trobriand, que criaram um sistema de comércio de escambo circular, místico e sem visão de posse, estruturado na navegação. Outro etnógrafo que demonstra tal influência é E. Evans Pritchard ao analisar a influência dos insumos naturais na cultura do povo Azande, no Sudão anglo-egípcio na década de 1920.

Mais próximo da nossa realidade cultural, Claude Lévi-Strauss realizou diversas incursões às tribos indígenas brasileiras que entendem a “Mãe Terra” como sagrada. Ouso dizer que muitos antropólogos têm mais claro pra si sobre a relação entre cultura e meio ambiente do que muitos biólogos e profissionais das ciências naturais.

E ousa afirmar: não existe relação entre meio ambiente e cultura. Afinal, o meio ambiente influencia a formação da cultura de povos e comunidades, e como todo ecossistema está intimamente ligado ao homem – como pensavam e ainda pensam alguns índios



Felipe é Pres. do Inst. Capixaba de Ecoturismo, membro titular do Conselho Estadual de Cultura, Câmara de Patrimônio Ecológico, Natural e Paisagístico

Felipe Ramaldes Corrêa
felipeturismologia@yahoo.com.br

ltura e meio ambiente

- não podemos dizer que há uma relação entre cultura e meio ambiente, mas sim que na verdade eles são intrínsecos, confluem no início, meio e fim.

Hoje sabemos que todos os elementos que formam a natureza também formam o homem e que o ambiente natural é a essência de toda a vida e formas de cultura na terra. Não há dissociação.

Contemporaneamente vejo a educação ambiental como um processo que ainda está começando a amenizar nossa atitude retrógrada com o ambiente que vivemos, onde não se reconhece com clareza a riqueza de nosso rico patrimônio ecológico como uma expressão de sua identidade.

Percebo de forma afirmativa as ações planejadas visando ao reconhecimento da identidade das comunidades de entorno dos patrimônios ecológicos, que detêm um amplo conhecimento tradicional ecológico, a exemplo dos pescadores artesanais, indígenas, agricultores familiares, mateiros, quilombolas entre outras comunidades que preservam esta forma de cultura que está em risco de extinção.

Para mudarmos nossa atitude com o meio ambiente e nosso patrimônio ecológico se faz necessário compreender que o homem e a natureza possuem um elo único, e todo processo de transformação cultural exige esforços de médio e longo prazo. A partir deste entendimento, ampliar e assimilar o conceito de patrimônio ecológico é um passo fundamental para a identidade cultural brasileira. ■



Fotos Arquivo CDV



PATRIMÔNIO CULTURAL

Caminhando (e cantando) pelo Centro *Histórico* de Vitória

**Uma cidade nos
chega pelos olhos
e pelos pés.**

(Walter Benjamin)



Pedro é Mestre em Arquitetura na área de História e Preservação do Patrimônio Cultural pela UFRJ e Diretor Presidente do Instituto Goia.

A (re)descoberta de lugares urbanos por A meio da flânerie, do passeio despretenso e cheio de curiosidade, tem sido tema de reflexão de grandes pensadores como Walter Benjamin e Alan Poe desde o século XIX. De fato, o reconhecimento do lugar faz-se também pela identificação de todo o seu potencial histórico e paisagístico, de sua “carga genética”, por assim dizer, e que proporciona a quem o desfruta uma sensação de prazer compartilhado.

Na velocidade acelerada imposta pela modernidade, o tempo para o desfrute dos lugares impregnados de vivências passadas/histórias torna-se cada vez menor e o olhar parece confundir-se com uma quantidade exagerada de letreiros e muros e cercas e descasos...

Monumentos, estátuas e manifestações culturais passam assim despercebidos pela grande maioria dos usuários da cidade, preocupados com o pouco tempo, com o trabalho, com a violência, com aquilo ou aquele que lhe pareça “estranho” ou “diferente”.

O Centro Histórico de Vitória, com os seus 460 anos de história oficial, possui uma riqueza cultural que nenhum outro bairro da cidade pode substituir. Nele podemos encontrar exemplares da arquitetura do século XVI (período colonial) passando pelas referências neoclássicas e ecléticas, o protomoderno, o moderno e o contemporâneo. É uma aula de história da arquitetura do Brasil ao ar livre.

Até o ano de 2006, quando foi lançado o Projeto Visitar (parceria entre a Prefeitura de Vitória/Secretaria Municipal de Turismo e o Instituto Goia), praticamente todos os monumentos arquitetônicos situados no Centro Histórico de Vitória

encontravam-se fechados ao público.

Na sua essência de sustentabilidade, o Projeto Visitar tem atuado no sentido de transformar efetivamente os principais patrimônios culturais do município de Vitória em atrativo turístico, a começar por seu Centro Histórico e abrange cinco eixos estruturais: monitoria de monumentos, envolvimento da comunidade, preservação da memória, difusão cultural e pesquisa.

Outro aspecto trabalhado refere-se ao desenvolvimento de materiais de informação, considerados essenciais ao processo de divulgação dos atrativos histórico-culturais do Centro Histórico e baseados em pesquisa de fontes primárias.

Dentro da perspectiva de difusão cultural e envolvimento da comunidade nesse processo, o Instituto Goia por meio de sua equipe de turismólogos, idealizou a I Caminhada Noturna do Centro Histórico de Vitória, realizada no dia 27 de abril de 2012 e que contou com a participação de mais de quatrocentas pessoas, entre crianças, jovens, adultos e idosos, divididas em cinco grupos.

Contando com a presença de guias de turismo, o percurso começou em frente da Casa Porto das Artes Plásticas, no início da Av. Jerônimo Monteiro, passou pelas principais ruas e praças da região, terminando na Rua Sete de Setembro. A vivência dos espaços e sua apropriação pelos moradores pode ser sentida numa nova perspectiva.

De um Centro frenético e acelerado durante o dia, especialmente em sua parte baixa, os caminhantes puderam perceber esse lugar sob um novo olhar: mais tranquilo e com novas possibilidades. É im-

Pedro Canal Filho

pedrocanalfilho@gmail.com

entro ória


pressionante como alguns componentes do espaço urbano alteram nossa percepção, como é o caso dos estacionamentos de carros.

Pode-se perceber usos cotidianos de bairro, como jogar bola ou dama na praça, conversar com vizinhos e amigos na frente de casa, mesinhas nas calçadas/calçadões, rodas de samba, feirinhas de artesanato e comidas, tudo acontecendo nesse espaço tradicional da cidade num horário em que na parte comercial e mais (re)conhecida parece, enfim, descansar.

E o mais interessante, num cenário cheio de magia que nos transporta no tempo e no espaço. As torres da Catedral, as fachadas do Palácio Anchieta e do Convento São Francisco iluminadas parecem flutuar e nos trazem o conforto de que precisamos para podermos sonhar essa “cidade presépio”, onde a cultura da paz certamente prosperará.

O som dos navios no Porto, dos sinos do Carmo, do canto dos passarinhos da Praça João Clímaco nos obriga a parar por alguns segundos... Tempo suficiente para esvaziar um pouco a carga de um dia cansativo e a própria fadiga da caminhada.

Tenho orgulho desse Centro Histórico com vida e dignidade, com um poder de sedução que pode ser avaliado pela reação dos visitantes diante dos suportes materiais que contam o seu passado.

Certamente, novas caminhadas e passeios serão organizados e realizados. Não importa se diurnos ou noturnos; importa que sejam pródigos de descobertas, (re)encontros e novos prazeres. O Centro Histórico de Vitória tem muito a oferecer. Venha desfrutá-lo... 



Fotos Arquivo Secult



CONSUMO CULTURAL

O consumo *Cultural* em ter compa

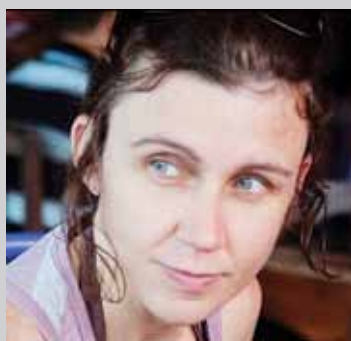
Não é novidade que as novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) estão modificando as formas de consumo cultural na contemporaneidade. O debate fortemente presente no início do século XXI em torno das consequências da prática do compartilhamento on line para o consumo de músicas, obras audiovisuais, livros e artes visuais, por exemplo, traz à tona um debate sobre a interferência na lógica de funcionamento da indústria cultural e a democratização do acesso aos chamados bens simbólicos.

No caso específico da música, por exemplo, a sistematização da distribuição e da troca de conteúdos na rede representou não somente uma mudança no modo de consumo e de fruição musical, mas também uma adequação do mercado. Este tem se beneficiado de recursos como os chamados virais, usados estrategicamente pela indústria fonográfica ou produzidos espontaneamente pelo público nas trocas de playlists e de vídeos nas redes sociais e em websites de compartilhamento.

O fenômeno da convergência midiática também afeta o consumo cultural de modo geral, pois não se trata apenas de uma questão tec-

nológica (a convergência dos meios) ou institucional (o entrelaçamento do corporativo com o alternativo/independente), mas também da diversificação e da hibridização de gêneros, estilos e linguagens dos produtos veiculados.

Ainda que o discurso vigente proclame que a convergência das mídias e as novas mídias digitais proporcionem um amplo acesso a bens culturais diversificados – pelo menos para aquele público que dispõe de computador, acesso a Internet e uma banda larga razoável –, não se pode deixar de atentar para a importância da prática do consumo cultural off line, ou seja, para além do ciberespaço. Ir a shows musicais, ao cinema e ao teatro, visitar exposições de arte, conhecer instalações e intervenções urbanas, assistir a performances, participar de saraus de poesia e eventos literários, frequentar museus e apreciar obras arquitetônicas continua sendo uma experiência única. Ainda que a chamada “reprodutibilidade técnica” – termo cunhado pelo filósofo Walter Benjamin, na década de 30 – proporcione ampla divulgação e visibilidade aos materiais culturais, a experiência direta com a obra e o artista é insubstituível.



Daniela é pesquisadora e professora do Dep. De Comunicação da UFES

Daniela Zanetti

daniela.zanetti@gmail.com

Tempo de artilhamento on line

Isso significa que é necessário criar – e também descobrir, ocupar – espaços na cidade que possibilitem essa experiência. É dessa maneira que se dão os processos de criação e de fruição de novas formas significativas e, numa outra esfera, a efetivação da chamada economia criativa. ■



Fotos Arquivo Secult



LIVRO E LEITURA

Da “Biblioteca

Esta noite sonhei com uma casa de minha infância. Para dizer a verdade, a primeira casa em que vivi, na mais tenra idade e por muitos anos desde quando para cá vim com minha família, para viver tão distante de minha terra natal. Esta casa, de que me lembro muito bem, entre cômodos e sótão, um jardim de roseiras e uma pequena queda d'água nos fundos do quintal, guarda mistérios e lembranças que retêm o rascunho – ou o desenho – desta em que me tornei. Era uma bonita casa com varanda, com telhado e cumeeira, de onde escorriam as águas das fortes chuvas nas tardes de verão. Pois bem: nesta casa se alojam estantes e livros, em todos os espaços, organizados com tal ordem e beleza que o arranjo resulta numa biblioteca vasta, valiosa, admirável, aberta... Nela brotavam conversas, apagavam-se saudades, aprendiam-se cuidados e segredos. Era uma casa feita de livros: uma biblioteca com seus labirintos (tal qual a biblioteca de Borges), que me fascinava com seu inesgotável universo de símbolos. Mas esta é uma outra história...

Sonhos e mitos nos instruem sobre os mistérios da condição humana. Nas complexas e emaranhadas relações de filiação e parentesco dos deuses bem como nas imagens oníricas que povoam nosso tempo de vigília e nosso

sono, a despeito de toda a agitação da vida, reúne-se boa parte do conhecimento de nós mesmos. Sem que conscientemente o saibamos, os fios que entrelaçam nossa existência se organizam e tomam a forma de desejos: constroem-se pontes e cidades, erigem-se palácios, estruturam-se escolas, instituem-se governos, inventam-se histórias, fundam-se narrativas, criam-se bibliotecas... Mitos e sonhos milenarmente entretecem a história do homem.

Desde sempre a humanidade tem criado formas de representar seu desejo de imortalizar-se. Para Alberto Manguel (2006), há dois emblemas literários, dois monumentos responsáveis por representar tudo que somos. Um deles resulta de nosso desejo de vencer o espaço. O outro, construído para reunir tudo que cada uma das línguas de diferentes povos e culturas tentara registrar, provém de nossa esperança de vencer o tempo. Consumidos lendariamente até o presente, “a Torre de Babel no



Rita é professora aposentada da UFES, atua como pesquisadora e consultora na área de semiologia e literatura.

Rita de Cássia Maia e Silva Costa

ritadecassia0010@gmail.com

de Babel” às construções imaginárias da sociedade em redes

espaço e a Biblioteca de Alexandria no tempo são os símbolos gêmeos dessas ambições”.(Manguel, 2006, p.25). “A Torre de Babel ruiu na pré-história da narrativa; a Biblioteca de Alexandria ergueu-se quando as histórias tomaram a forma de livros”. (idem, p.29). Memorando de nossos anseios impossíveis de representar o conjunto da criação, ambos os mitos continuam a pairar sobre nossos sonhos de ordem universal.

No alvorecer deste terceiro milênio constata-se que o século que passou foi o século das revolu-

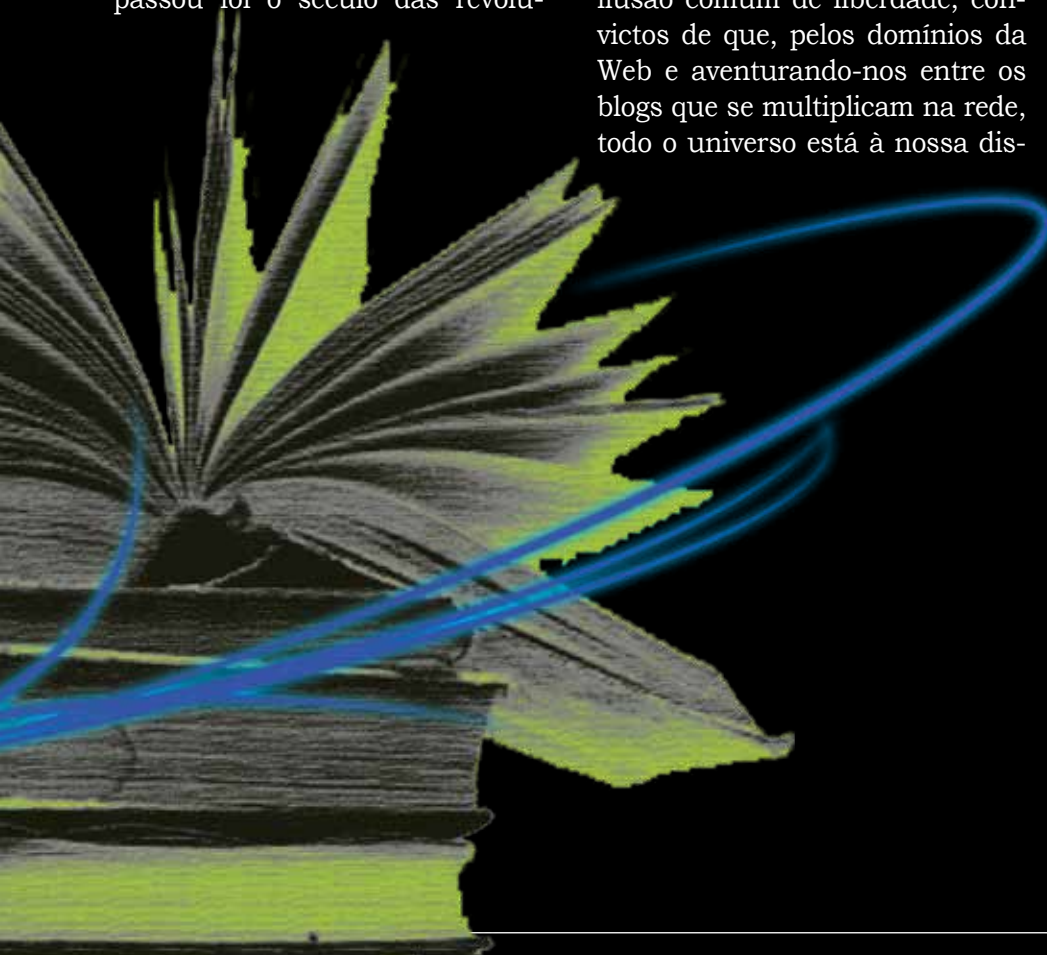
ções. O homem provou sua supremacia: foi à Lua, exigiu direitos, criou a TV, o computador, a Internet, instituiu o mundo virtual e os mercados globalizados, e, com eles, a universalização da cultura. O homem promoveu transformações surpreendentes no século XX. Mas, segundo pensadores da cultura, ele comprometeu seu cotidiano com as regras do mercado, pois, apesar de todos os avanços e de toda a tecnologia, as pessoas não são mais felizes.

Vivemos no terceiro milênio a ilusão comum de liberdade, convictos de que, pelos domínios da Web e aventurando-nos entre os blogs que se multiplicam na rede, todo o universo está à nossa dis-

posição. Mas o reino da leitura, lugar de memória, ainda que necessariamente imperfeita, e de desejo, indissociavelmente ligado à falta, nos convida à infinitude, responsável pela função poética que recobre a construção imaginária de toda a civilização desde a tradição oral até os nossos dias.

Nesse contexto em que o papel dos leitores se redefine e se apresenta como fundamental à sua inserção social, recorrentemente indaga-se a respeito da importância do livro na contemporaneidade. Proliferam-se na imprensa especializada, na mídia eletrônica e nos meios editoriais, reflexões e polêmicas em torno da paradoxal ausência de uma prática da leitura na vida cotidiana, dentro e fora das instituições, a despeito do avanço científico e tecnológico e da vasta produção, literária ou não. Em princípio, essas conquistas favoreceriam o acesso ao livro e as relações de troca no âmbito da cultura que, por sua vez, contribuiriam para a formação de uma sociedade leitora. A globalização, a produção e circulação de bens de consumo e a veiculação veloz e midiaticizada da informação, no entanto, não asseguram a apropriação de bens culturais e o exercício da cidadania.

No terreno movediço das profundas transformações que desembocaram neste novo milênio e face às incertezas sociais e existenciais,



LIVRO E LEITURA

constatadas cotidianamente nas mais diferentes manifestações - recentes ou remotas - pelos noticiários e pelos jornais - impressos ou virtuais - torna-se urgente refletir sobre o sentido da leitura em nossas vidas e sobre os diferentes modos de ler. Ler, ou interpretar, é um “modo de conhecimento”. No âmbito da experiência, vivida ou imaginada, e como campo de saber que possui redes por meio das quais se comunicam idéias, sentimentos, perspectivas, a interpretação colhe, recolhe, rasga, rasura os sentidos, para reorganizá-los de uma nova maneira. Como prática social, leitura é, por excelência, um modo de ver o mundo e a nós mesmos.

Sabe-se que o desafio no 3º milênio é o acesso à informação e a revolução pelo conhecimento. O livro e a biblioteca cumprem essa função, pois promovem intercâmbio de experiências, descobertas e valores indispensáveis à construção da vida social e cultural. As pessoas ampliam sua capacidade de atribuir sentido aos fatos, de escolher e decidir, de pensar e interagir, de lançar sobre si mesmo um olhar que o auxilie a enfrentar sua precariedade e a viver.


Na nova ordem mundial os homens e as instituições encontram-se interligados, em rede, por diferentes canais informacionais e comunicacionais. Independentemente da diversidade política e cultural que os povos apresentem, a informação invade nossas vidas, nosso cotidiano, fazendo desaparecer fronteiras e trazendo muitas

e significativas mudanças. Para Bauman (2005, p.32), vivemos uma “situação de interregno”. “É neste entrelaçamento do mundo fragmentado e da vida fragmentada que o livro enfrenta seu maior desafio”. Constata-se, porém, que o livro continua sendo o meio mais fácil e seguro de veicular informação e conhecimento. Lembremos de que a escrita inaugura um segundo pólo do espírito na história humana. Como “tecnologia intelectual”, como a denomina Ramal (2002) num recente estudo sobre as relações entre a história da escrita e o universo das redes e do hipertexto, a escrita permite ao sujeito projetar no pergaminho, no papel ou na tela do computador sua visão de mundo, sua cultura, seus anseios, idéias e sentimentos. Como instância signíca, a escrita ajuda a tecer, linha após linha, as páginas da História. Portanto, ainda segundo esta autora (2002), “a nossa concepção moderna de mundo e de nós mesmos é um subproduto da invenção de um mundo que está no papel. A escrita criou a natureza humana, o pensamento e a cultura tais como os conhecemos hoje”.

Com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, que institui a chamada “Sociedade de Redes”, surge um novo tipo de inteligência. Trata-se de uma mudança de paradigmas, a partir da qual se introduz um novo pólo do espírito humano. As conexões na rede criam esse emaranhado de relações que confere à Biblioteca, como espaço de conhecimen-

to, imensa força. A promessa do acervo universal, desde a lendária Alexandria, foi ressuscitada. Elo entre tradição e modernidade, a Biblioteca, ao organizar, selecionar, filtrar informação, cumpre sua função de preservar a memória para usufruto da posteridade. Tem razão Umberto Eco: “Eletrônicos duram 10 anos; livros, 5 séculos”.

Aí se reafirma e se consolida a função social da Biblioteca como instituição responsável por preservar a memória do homem. Emblemática, ela pode e deve, no entanto, a um só tempo, assegurar a todas as pessoas o acesso aos bens simbólicos e incorporar as conquistas das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC –, colocando-se em REDE com outras bibliotecas. Daí a necessidade de políticas culturais claras e eficazes que assegurem o acesso aos livros e à leitura, como ilustram casos esparsos que esporadicamente observamos no país. A Biblioteca Transcol, sob os auspícios da SECULT desde 2008, é um desses exemplos no Espírito Santo.

Penso que, como no sonho, é sempre uma casa o lugar de nossa origem que, com suas paredes e janelas, abriga nossos sonhos e desejos, tornando-os a bússola para nos orientarmos face aos nossos enigmas. Não somos nós quem vivemos numa casa. É ela que vive em nós. Assim como nossa casa, a biblioteca nos acolhe e nos habita. Cuidemos bem dela, portanto! 

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmundt. O livro no diálogo global entre culturas. In: PORTELLA, Eduardo. Reflexões sobre o caminho do livro. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. O mal-estar na civilização. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- MANGUEL, Alberto. A biblioteca à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RAMAL, A. C. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DIVERSIDADE CULTURAL

Jordan Fernandes

jordanfsantos@hotmail.com

Congo – Devoção e Fé

Os festejos do congo da Barra do Jucu, em Vila Velha, em louvor a São Benedito, atraem pessoas tanto da comunidade, quanto devotos de outros municípios da Grande Vitória, como Serra e Viana. Essa manifestação folclórica revela uma expressão corporal tão viva que todos os presentes se harmonizam ao som dos tambores, casacas, palmas e canto. A dança ali expressada não tem idade, sexo ou etnias. Todos dançam de forma intensa e real. Há uma explosão de energia que se transforma, num misto de fé, alegria, amor, união e fraternidade.

O congo, como sabemos, tem como base as culturas: indígena, negra e branca. A expressão corporal do índio, nas cerimônias religiosas, era em forma de roda e ao som dos tambores; os negros, por sua vez, saudavam os Orixás cantando e dançando até o dia raiar; O branco vem com a tradição das procissões dos louvores a Nossa Senhora da Penha, São Benedito e outros. O que podemos desfrutar desse misto cultural é a exaltação do sagrado, a brincadeira de roda e a dança.

O tambor de congo ganha vida e fala, ao ser tocado por mãos fortes e cheias de expressão, gerando assim, sons que ecoam no ar, louvando o sagrado e reunindo pessoas a celebrar a própria existência. Após essa conversa de mãos, tambores e casacas, os pés vêm em resposta ao chamado pré-inicial, ao som ecoado no espaço, entrando pelos ouvidos, e contagiando os presentes, gerando em seus corpos uma onda de molejo e “quebra-quebra”, enfeitando o ambiente antes vazio, e agora repleto de comunicação, alegria, força, fé e vida.


No chão, as marcações dos pés descalços levantam uma poeira de energia impulsionando rodopios, molejos e gingas próprios de cada um. Temos então, um jogo de corpos que se comunicam. Tem o corpo que se enamora de si mesmo; ele rodopia sem parar, dando graça, beleza e encanto, mos-

trando risos encantadores, gestos graciosos e uma leveza tal, que quem os vê, tem a impressão de que o tempo para, ou se torna lento para a admiração do que é o aqui e agora. Tem destaque também, o corpo que louva; é o que a fé está presente no levantar de mãos, nas palmas e no canto que sai forte de sua garganta. Ele usa de movimentos grandiosos, que ocupam bastante espaço para poder ser expresso com perfeição. O corpo solidário se comunica com todas as idades; levando o respeito, carinho e amor. Esse é percebido pela ternura que encontra nos olhares, que de imediato rouba uma atenção e, sempre, é surpreendido com uma troca de afeto e sorrisos, mesmo que distante. Para fechar, temos o corpo sensual; que tem o cheiro, a cor, o tato. Nesse, o coração bate em outro ritmo de quem o admira, mas a mente não sai do foco principal – que é a celebração da vida.

Nesse festejo, a tradição se mantém em vários elementos: a roda de tambores, que é o momento de renovação da vida; a procissão, que tem como caráter principal levar à comunidade, alegria, fé e força; e o mastro, que simboliza prece, agradecimento e vitória.

Um dos pontos mais importantes do festejo é quando os homens carregam o mastro de São Benedito, simbolizando o momento em que os negros foram salvos no dia do naufrágio, onde todos seguraram o mastro do navio e conseguiram chegar até à margem. Num breve instante, as mulheres também carregam esse mastro. Cheias de fé, elas fazem seus pedidos e cantam, unidas, a todos.

As Bandas de Congo de nosso Estado merecem todo agradecimento por manter viva essa tradição tão importante, onde podemos encontrar força e alegria para vivermos bem, sempre louvando a São Benedito, o santo que nos ajuda nas horas de dificuldade. Aplausos aos devotos e principalmen-

te à vida, pelo belo espetáculo, ao qual, celebramos todos os anos. 



Jordan é bailarino e professor de dança contemporânea Integrante a Homem Cia de Dança





Música em Domingos Martins
Foto Arquivo Secult